



Instituto Federal de Brasília
Campus Samambaia
Curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica

ALBERTINO ALVES PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA LICENCIATURA
NO PROCESSO DE FAZER DOCÊNCIA**

Brasília
2020

ALBERTINO ALVES PEREIRA

**A IMPORTÂNCIA DA LICENCIATURA
NO PROCESSO DE FAZER DOCÊNCIA**

Relato de Experiência apresentado ao Curso Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus* Samambaia do Instituto Federal de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Educação Técnica e Profissional.

Orientador(a): Mônica Luciana da Silva Pereira

Brasília
2020

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO
CAMPUS SAMAMBAIA DO IFB**

Bibliotecária: Gracielle Ribeiro – CRB 1/2128

P436i Pereira, Albertino Alves

A importância da licenciatura no processo de fazer
docência / Albertino Alves Pereira. -- Brasília, 2020.
54 f. : il.

Monografia (Licenciatura em Educação Profissional) –
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Brasília, 2020.

Orientadora: Mônica Luciana da Silva Pereira

1. Professores - Formação. 2. Programas de estágios.
3. Curso de licenciatura. I. Pereira, Mônica Luciana da
Silva. II. Título.

CDU 377.8-027.22

ALBERTINO ALVES PEREIRA

A IMPORTÂNCIA DA LICENCIATURA NO PROCESSO DE FAZER DOCÊNCIA

Relato de Experiência apresentado ao Curso Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica do *Campus Samambaia* do Instituto Federal de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Educação Técnica e Profissional.

Orientador(a): Mônica Luciana da Silva Pereira

Aprovado em: 06 de outubro e 2020

BANCA EXAMINADORA

Mônica Luciana da Silva Pereira – Orientadora

Fabiana Casarin – Membro Interno

Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues – Membro Interno

*À professora Mônica Luciana da Silva Pereira
pela dedicação e paciência na orientação e
incentivo que tornaram possível a realização
deste Relato de Experiência.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto Federal de Brasília, IFB – Campus Samambaia, pela acolhida em seus quadros de estudantes no Curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica. Nossa eterna gratidão aos professores Rodrigo Soares Guimarães Rodrigues, Andrea Faria, Estela Teles, Fabiana Casarin, Gustavo A. M. de Araújo e Mônica Luciana da Silva Pereira, pela excelência e qualidade técnica e que por isso mesmo foram capazes de nos fazer também capazes. Aos meus pais Laura e Arlindo que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. À minha querida companheira Elandia dos Santos pela força e compreensão pelas vezes que mesmo estando presente, mantive-me distante em razão da necessidade de dedicação ao Curso.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

(Paulo Freire)

RESUMO

O processo de ensino e aprendizagem se conclui quando o aprendente aprende. Deste modo, o ensinar e o aprender institucionais, quando se dissociam, o primeiro perde o sentido e passa a exercer penosamente função ensejadora de prejuízos, e isso, é um grave problema. Nesta linha de visão, este trabalho elegeu como objetivo central de investigação, identificar os elementos constitutivos e necessários à excelência da prática docente. Buscou-se analisar possíveis diferenças de atuação entre os profissionais licenciados e não licenciados dos cursos de formação profissional e tecnológica do IFB. Verificou-se que em razão da qualificação, da experiência profissional e com a prática docente, os não licenciados, guardadas as exceções, chegam ao objeto do ensino que é fazer o estudante aprender. Contudo, os professores licenciados conhecem com mais intimidade, os meios e métodos para promover o encontro do estudante com o conhecimento. Assim, as observações e análises aqui desenvolvidas levam à conclusão de que a licenciatura é sim importante no processo de fazer docência.

Palavras-chave: Licenciatura. Docência. Saberes. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work deals with our experiences in the professional and technological degree course, and discusses its effects on the teaching process, taking into account the formative aspects of the teacher, as well as identifying the gains for the student as a result of the teaching practice with and without a degree. The teaching and learning process is concluded when the learner learns. In this line of view, it was elected as a central objective of studies, to identify the constitutive elements and necessary for the excellence of teaching practice. It was verified that the unlicensed teachers, keeping the exceptions, reach the object of teaching that is to make the student learn. However, licensed teachers know more intimately the means and methods to promote the student's encounter with knowledge. Thus, the observations and analyses developed lead to the conclusion that the degree is indeed important in the process of teaching.

Keywords: Licenciatura. Teaching. Knowledge. Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	12
3 REFERENCIAL	14
4 DESCRIÇÃO DO LOCAL E PÚBLICO ENVOLVIDO	17
4.1 Caracterização e aspectos organizacionais da Instituição	17
4.2 O trabalho pedagógico	18
4.3 Organização da estrutura física.....	19
4.4 Material pedagógico.....	19
8 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: Observações da prática docente	26
8.1 Primeira Observação: Aula de informática	27
8.2 Segunda Observação: Aula de informática.....	28
8.3 Terceira Observação: Aula de Física.....	28
8.4 Quarta Observação: Aula de Sistemas Estruturais	29
8.5 Reflexão sobre as observações	29
9 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II: Entrevistas com professores	30
9.1 Questionário 01: O que é ser professor?	32
9.2 Questionário 02: O que você pensa sobre a formação para docência?	33
9.3 Questionário 03: A partir das dificuldades encontradas em sala de aula, como você se reorganizar pedagogicamente?.....	34
9.4 Questionário 04: Como você percebe o uso das tecnologias no processo de aprendizagem em sala de aula?	35
9.5 Questionário 05: Qual a sua percepção sobre a avaliação diagnóstica?	36
10 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III: Preparação do Plano de Curso FIC.....	40
10.1 Preparação do Plano de curso FIC em Direitos Humanos	40
10.2 Justificativa para a temática do FIC	41

10.3 Objetivos.....	42
10.4 Metodologia	42
11 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV: A prática docente em sala de aula.....	43
11.1 A prática docente.....	43
11.2 O primeiro encontro.....	44
11.3 O segundo encontro.....	44
11.4 Objetivo	44
12 A LICENCIATURA NO PROCESSO DE FAZER DOCÊNCIA	45
13 CONSIDERAÇÕES	48
REFERÊNCIAS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das experiências por nós vivenciadas durante o processo formativo enquanto discente do curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica ofertado pelo IFB - Instituto Federal de Brasília - *Campus* Samambaia – DF no período de agosto de 2018 a outubro de 2020.

Durante todo o processo formativo, como já era de se esperar, alegrias e tristezas, inquietações, esperanças e frustrações, juntas, teimaram em fazer parte de nossa preparação, e fizeram.

Atravessamos momentos bastante conturbados, o período correspondente aos meses de março a outubro de 2020, época da entrada do Brasil na rota da pandemia causada pelo coronavírus. Nesse tempo, aulas foram suspensas, projetos e planos educacionais mudados e/ou esquecidos; expectativas e cursos frustrados, resultando em transformações importantes nas relações sociais, sobretudo no mundo da educação que sofreu, de assalto, importantes alterações na pedagogia, na didática, no jeito de fazer docência.

Aqui falaremos das principais impressões colhidas das experiências por nós vividas a partir de todo o conjunto formador do ambiente de ensino-aprendizagem configurado pela estrutura física e administrativa do IFB-Samambaia, de seu qualificado corpo docente, do engajamento e interação entre os professores e estudantes, além da ressaltada habilidade por parte dos primeiros, guardadas as devidas exceções, em intermediar na construção do conhecimento e mediar entre estudantes - estudantes ricas relações interativas dentro e fora da sala de aula, fatores indispensáveis para uma boa preparação do novo docente.

Discorreremos sobre a relevância da integração entre nosso olhar de estudante e o do futuro professor que seremos e todo esse conjunto de elementos e seus efeitos na construção e reconstrução de nosso conceito de licenciatura, permitindo-nos vislumbrar de forma mais clara e mais aprofundada sua importância no processo do fazer docência.

Abordaremos sobre a completude proporcionada pelo estágio supervisionado no processo de formação docente e os ganhos por nós auferidos na experiência vivenciada no momento emblemático de sua realização em suas quatro etapas. Na primeira, as observações em sala de aula; Na segunda, a pesquisa de campo, na qual se entrevistou professores acerca da prática docente; A terceira, da preparação e organização de um plano de curso FIC e na quarta, a preparação de planos de aula, de unidades didáticas e enfim, a experiência prática como professor com os estudantes em sala de aula.

Deste modo o curso de licenciatura fincou-se para nós um marcador entre o antes e o depois em todo nosso processo de formação no que se refere ao nosso entendimento do que seja aprender e ensinar, no que diz respeito a construir conhecimento e formar pessoas conscientes e independentes. Assim, elegemos a “Importância da Licenciatura no processo de fazer docência” como tema de estudo e pesquisa para este Relato, considerando que no atual contexto da educação brasileira a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, autoriza profissionais de áreas diversas e especialistas "com notório saber" a ministrarem aulas nas escolas do país, em cursos de formação técnica e profissional, determinando ainda que essa atuação deve ser "reconhecida pelos respectivos sistemas de ensino".

São sempre bem-vindos os estudos e análises do tema com vistas a identificar se há ou não a necessidade de formação específica para os profissionais que atuam ou desejam atuar na educação como professor, considerando que o ensinar requer a conjugação de saberes diversos, levando estudantes, professores, pesquisadores e demais interessados a uma reflexão sobre a importância da licenciatura no processo do fazer docência, este trabalho se justifica por trazer essas reflexões e poder contribuir para pesquisas futuras sobre a formação de professores.

Assim, visa-se expor por meio da descrição, as experiências vivenciadas na Licenciatura e com a Licenciatura durante todo o processo de formação, por nós vividos. Além disso, buscar-se-á discutir os efeitos causados pela licenciatura no processo de fazer docência, levando em consideração os aspectos formativos do docente, bem como identificar os ganhos para o estudante como resultantes da prática do docente com e sem licenciatura. Pretende-se também discutir e evidenciar as convergências e/ou distanciamentos entre o que pensam e o que fazem os docentes em ação no processo de ensino e aprendizagem e verificar o que pensam os professores acerca da necessidade ou não da licenciatura para a prática docente.

2 METODOLOGIA

Desde as primeiras aulas do curso de licenciatura, com inserção pelos docentes, de autores cujas preocupações se voltam para a prática do ensino-aprendizagem, descortinou-se em nós acentuados interesses em conhecer quais eventos formativos, capacitam o professor, conforme Demo (2001), para levar o estudante a aprender.

Na produção deste relato, trabalhamos com dois tipos de pesquisas, a bibliográfica e pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica, conforme Gil (2002, p.59), deve ser entendida como um processo que envolve diversas etapas, quais sejam: escolha do tema; levantamento bibliográfico

preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto; e redação do texto.

Os passos a serem observados, não ditam regras fechadas na busca dos objetivos colimados. Entretanto, fazer ciência conforme Demo (1985), requer métodos, já que se pressupõe uma finalidade.

A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia. [...] A ciência propõe-se a captar e manipular a realidade assim como ela é. A metodologia desenvolve a preocupação em torno de como chegar a isto. (DEMO, 1985, p. 19-20)

A pesquisa de campo, conforme Gil (2002), devido a especificidade de cada estudo, não é possível formular procedimentos a serem observados em todas as pesquisas dessa natureza. Contudo, algumas etapas podem ser seguidas em grande parte dos estudos de campo, como por exemplo, a elaboração do projeto inicial; exploração preliminar; formulação do projeto de pesquisa; pré-teste dos instrumentos e procedimentos de pesquisa; coleta de dados; análise do material; e a redação do relatório. Quanto sua aplicabilidade, afirma o autor:

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias. (GIL, 2002, p. 53).

A realização da pesquisa junto aos docentes, enriqueceu este trabalho e contribuirá para o desenvolvimento de trabalhos similares futuros. O método utilizado foi o qualitativo, pois apresenta características que corresponderam às necessidades de nosso estudo, considerando que referida modalidade envolveu pequenas amostras e que não necessitam representar grandes populações.

Para este Relato, a colheita de dados se deu nas entrevistas com cinco professores o que pode até ser considerado um universo diminuto. Mas para Silveira (2009, p. 31) “A pesquisa

qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”.

Antes de realizar referida colheita dos dados, cumpre passar pela a fase exploratória que segundo Thiollent (1986, p. 49) “consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou ‘diagnóstico’) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações.” Assente-se que referido levantamento não foi por nós realizado, pois como se verá mais adiante, não houve necessidade, em virtude de se tratar de um estágio supervisionado cujos objetivos já estavam traçados no projeto do Curso de Licenciatura em educação Profissional e Tecnológica, o qual determinava quando e onde deveríamos entrevistar estudantes ou professores.

Quanto a coleta de dados, em nosso caso em particular, optamos em realizar no IFB – Samambaia, onde estudamos em razão do menor dispêndio de tempo, maior comodidade e adequação de nossa agenda com as agendas dos entrevistados que decidimos ser estes docentes. A técnica utilizada, como já dito, foi a entrevista individual as quais ocorreram nas dependências do IFB.

3 REFERENCIAL

Durante todo o tempo do curso, foi possível observar como se dá o desenvolvimento das relações entre professores e estudantes e como o envolvimento didático e pedagógico atua como facilitador do aprendizado e de que forma essa relação se desenvolve.

Verificou-se que o professor ao se apresentar em sala de aula, não o faz como o detentor de toda a sabedoria e conhecimento do mundo, nem mesmo em sua área de atuação, mas se coloca como alguém que está aprendendo sempre. Sendo assim, também comete erros e equívocos. É um ser humano. Contudo, precisa estar preparado e munido de saberes científicos, comuns, didáticos, pedagógico, além de conhecer profundamente o conteúdo sobre o qual deve tratar com seus estudantes. Nessa relação de interação, diz Freire (2007), que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou com a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto (FREIRE, 1996, p. 18).

Ficou claro para nós que o estudante precisa participar de construção de relação dialógica, democrática e respeitosa com seu professor e seus colegas para poder liberar seus medos de cometer erros e soltar seus pensamentos, expandir sua criatividade que necessita de espaços que devem ser construídos a partir de aberturas facilitadas pelo professor que deve aceitar as indagações propostas pelos estudantes, bem como, colher destes suas respostas, facilitando o engajamento e a construção do aprendizado, conforme assevera Libâneo:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, as dificuldades que encontram na assimilação do conhecimento. (LIBÂNEO, 1994, p. 250).

Nessa perspectiva, o referencial teórico deste relato é constituído com base no pensamento de autores que buscam esclarecimentos sobre as questões atinentes à formação docente; Sobre o que é ser professor e qual sua importância no processo formativo a partir das influências causadas pelos mediadores no ambiente de formação.

A contribuição de autores como Demo (2004), Freire (1996,), Libâneo (1994), Pimenta (2007), Dewey, apud Silva (2018), e Veiga (2007), Tardif (2002), Forno (2016) são cruciais, para facilitação da compreensão de que o fazer docência requer a inter-relação entre diversos saberes e intenções, que de forma imbricada formam e reformam as visões do professor e suas práticas na preparação para a ação de melhor ensinar, esclarecendo sobre qual o papel da licenciatura e do professor.

Freire (1996), analisa como o professor deve se apresentar em sala de aula e como deve agir na execução de seu trabalho. O professor, segundo ele, deve ter o preparo e a capacitação para ensinar aquilo que deve ser ensinado e ao mesmo, saber se desviar da arrogância, e viver a consciência de quem não é detentor de todo conhecimento nem mesmo sobre o tema escolhido para lecionar.

[...] ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria, [...] É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. (FREIRE, 1996, p. 53).

Demo (2001) afirma que ser professor e saber aprender, e fazer aprender, é cuidar com carinho de que o estudante efetivamente entenda o conteúdo estudado,

É preciso redefinir o professor pela via da aprendizagem, não dar aula. Professor é, primeiro, quem sabe aprender com virtudes comprovadas e reconhecidas. Segundo, é quem sabe fazer o estudante aprender. Não se trata de “dar aula de matemática”, mas de assegurar que os estudantes aprendam de verdade matemática. O cuidado com o aluno é primordial, porque é a razão de ser da atividade docente. Segue outra forma de avaliar, já que não se busca reprovar, mas garantir, ainda mais, que o aluno tenha seu direito de aprender devidamente efetivado. Aí aparece sobretudo o papel de educador, ou a face da politicidade do professor (DEMO, 2001, p. 9)

O professor enquanto profissional deve ser um eterno aprendiz e sendo capaz de refletir sobre sua prática diária levando em consideração os diferentes aspectos da vida. Deste modo, chega-se à constatação que o professor nunca está pronto, acabado, mas, sempre em processo construção e reconstrução de saberes.

o professor precisa, antes de tudo, aprender bem e, portanto, levar o aluno a aprender bem. O fenômeno da aprendizagem é uma qualidade tipicamente humana que compreende a qualidade formal, isto é, o conhecimento e cognição, bem como a qualidade política, quer dizer ideologia e ética do conhecimento. Entre ambas, estabelece-se não só uma relação necessária, mas ao mesmo tempo uma hierarquia, já que a primeira é o meio, enquanto a segunda é o fim (DEMO, 1998, p. 2).

Segundo Dewey, *apud* Silva (2018), o professor deve ser um facilitador do aprendizado, tornando o conhecimento atraente, desenvolvendo o interesse e a criatividade do aluno com vistas a atender aos interesses da sociedade. Para Dewey a educação deve focar no estudante, cabendo ao educador a tarefa de usar a “matéria-prima”, orientando as atividades para “resultados positivos”.

O educador na visão deweyana é o responsável pela escolha dos meios adequados para conduzir a atividade do saber. Compete-lhe conhecer os aspectos psicológicos do desenvolvimento humano, sem descuidar ao manter o domínio sobre as matérias escolares, cujo resumo se encontra nos programas. O educador desempenha sua função ao planejar as atividades do grupo do meio social, ao organizar este ambiente de planejamento na vida do indivíduo favorece as experiências satisfatórias a construção do conhecimento, desenvolvendo assim, as potencialidades adquiridas pelos educandos. Deve posicionar-se como um membro do grupo (isso exclui o professor da missão de

chefiar tiranamente a classe), haja vista que a educação para Dewey é um processo social em que todos devem ser envolvidos. (SILVA, 2018, p.40).

Estas evidências foram consideradas nas observações realizadas em sala de aula, em nossas relações com os colegas e professores e na aplicação da pesquisa com os docentes. Assim, o pensamento dos citados autores trouxeram efetiva contribuição para que chegassemos aos objetivos buscados que ora se expõem neste relato de que a licenciatura é sim importante no processo de fazer docência e sua realização faz toda uma diferença na vida do professor e do estudante.

4 DESCRIÇÃO DO LOCAL E PÚBLICO ENVOLVIDO

4.1 Caracterização e aspectos organizacionais da Instituição

O IFB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), Campus Samambaia, localizado na Rodovia DF-460 - Subcentro Leste, Complexo Boca da Mata, Lote 01, CEP: 72.304-300, Samambaia Sul, Brasília – DF, é uma Instituição Pública de Ensino que foi instituída em 2009 e atualmente oferece cursos de formação nas áreas de Licenciatura, Construção Civil, Meio ambiente e Produção Moveleira. São oferecidos também, cursos técnicos, cursos de formação inicial e continuada (FIC), projetos de extensão, Programa Certific - para a certificação de saberes - e cursos de idiomas e informática com laboratório próprio preparado para atender toda à demanda interna.

O Campus conta com professores especialistas, mestres e doutores. A vocação do Campus foi definida através de consultas à sociedade e tendo como base dados socioeconômicos da região.

No anseio bem servir aos alunos, professores e à comunidade em geral que o circunda, o Campus Samambaia o IFB dispõe de uma Biblioteca cujas atividades foram iniciadas em junho de 2011. Tem como missão principal proporcionar e facilitar o acesso à informação e para tanto dispõe de um acervo que é constituído de materiais em diversos suportes como livros, revistas, CDs, DVDs em diversas áreas do conhecimento, com foco nos cursos oferecidos pelo campus, com atendimento nos horários das 07h:30 min. às 21h:30 min. em dias úteis.

O IFB, Campus Samambaia dispõe de uma estrutura completa e inovadora para atender a comunidade acadêmica com amparo e inclusão social, dispondo de adaptações necessárias para

servir com dignidade às pessoas com deficiência. Dispondo, inclusive de profissionais qualificados para servir no apoio psicopedagógico.

Quanto aos espaços comuns, o *Campus* dispõe de amplo estacionamento, suficiente para atender professores, alunos, funcionários e visitantes. Possui ampla área de convívio social, pátio, lanchonete, auditório sofisticado e quadra de esportes. Tudo em bom estado de conservação.

No que se refere ao Projeto Político Pedagógico da Instituição, em linhas gerais, prima este em atender a comunidade de Samambaia não só no que diz respeito às necessidades materiais do Campus, mas, sobretudo oferecer um ensino de qualidade mediante a intervenção participativa e imbricada de todos os profissionais, focados no desempenho escolar, visando abrir espaços para o crescimento, aprimoramento e autonomia da Instituição.

O PPP segue uma linha que contempla as ações de apoio a missão dos professores que visa o desenvolvimento da comunidade local por meio do acesso à educação levando-se em consideração o contexto cultural, econômico e social da região.

O *Campus* Samambaia, segundo o site da instituição, conta (dados de 2019) com 109 servidores distribuídos nos três turnos, manhã, tarde e noite. O Instituto em Samambaia conta com 1237 alunos matriculados e também distribuídos nos três turnos.

A administração do *Campus* se dá a partir da seguinte organização: DIREÇÃO GERAL – DG - DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO E PLANEJAMENTO – DRAP, estruturada da seguinte forma: Coordenação de Planejamento e Orçamento – CDPO, Coordenação de Gestão de Pessoas – CDGP, Coordenação de Almoxarifado e Patrimônio – CDAP, Coordenação de Manutenção e Serviços Gerais – CDMS, Coordenação de Aquisições e Contratos – CDAC; DIRETORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – DREP, com a seguinte estruturação: Coordenação Geral de Ensino – CGEN, Coordenação de Estágio – CDES, Coordenação Pedagógica – CDPD, Coordenação Geral de Pesquisa e Extensão, Coordenação Assistência Estudantil e Inclusão Social, Coordenação de Registro Acadêmico – CDRA, Coordenação de Biblioteca – CDBI, Coordenação da Área de Edificações, Coordenação do Curso PROEJA em Edificações, Coordenação da Área de Móveis, Coordenação da Área de Meio Ambiente e Coordenação da Licenciatura.

4.2 O trabalho pedagógico

O desenvolvimento do trabalho pedagógico se dá a partir de diretrizes traçadas pela Instituição e coordenação de cada curso ofertado no Campus Samambaia. Contudo, nada impede

que o próprio docente exerça a liberdade de pôr em prática seus saberes, atendendo às necessidades e sendo coerente ao contexto geral e específico do tema explanado.

4.3 Organização da estrutura física

A estrutura física do *Campus Samambaia* foi montada de forma a propiciar o bem-estar de toda a comunidade acadêmica e está disposta e apta a proporcionar bons resultados na prática docente e no aprendizado dos discentes. O ambiente permite que os alunos, jovens e adultos, desenvolvam suas potencialidades e persigam o conhecimento de forma agradável e prazerosa. As salas de aulas dotadas de espaços amplos e agradáveis, arejadas e com iluminação adequada, dispõem dos equipamentos básicos, cadeiras, mesas, lousas, micro computadores em bom estado de conservação e funcionamento. Algumas salas dispõem de data shows instalados e funcionando. Os Laboratórios de Informática possuem equipamentos bem conservados e aptos para uso.

4.4 Material pedagógico

IFB Campus Samambaia conta com materiais pedagógicos, tais como livros, revistas, CDs, DVDs em diversas áreas do conhecimento, tudo com foco nos cursos oferecidos pelo *campus*. Referidos materiais são de uso comum, cabendo a comunidade acadêmica zelar pelo seu bom uso e conservação.

5 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES E CONTATOS COM A LICENCIATURA

Iniciado o primeiro semestre em agosto de 2018, tivemos as sonhadas e muito esperadas primeiras aulas. Sala lotada, alunos advindos das mais diversificadas áreas do conhecimento, cabeças cheias de sonhos com o curso de licenciatura, com uma nova graduação. Coisa comum em início de curso.

Nos primeiros encontros em sala de aula, diversos professores optaram em promover avaliações diagnósticas. Em forma de círculo, os estudantes em suas apresentações, como que para demarcar terreno, uns falavam ser formado nesta ou naquela área do conhecimento com mestrados, outros falavam ter pós-graduações naquele outro ramo do saber, quanto ao que

pretenderiam com a nova formação, era quase unânime a direção das respostas, todos demonstravam querer mais qualificações para o mercado de trabalho.

Poucos estudantes pensavam na aprendizagem para se tornarem de fato bons docentes. Até porque, não é cultural no Brasil se conceber docência como necessidade para uma boa formação e construção de um país com dignidade para seu povo. Quanto a ter dado aulas, alguns se apresentaram como já tendo alguma experiência. Boa parte dos colegas que ali falavam não tinham ainda assumido qualquer turma de estudantes estando na condição de professor. Quando perguntados sobre a função docente, por quase unanimidade, respondiam que seria fazer o aluno aprender. Embora, talvez ninguém soubesse de fato quais os melhores e mais apropriados meios e métodos para se chegar a tal desiderato.

Em nosso caso em particular, quando perguntado se já havíamos dado aula, naturalmente respondíamos que não dávamos, vendíamos, já que durante os mais de quatro anos que lecionamos em um curso da área de formação profissional, estávamos lá fazendo o chamado “bico”, pois como advogado e com banca própria, lecionar era coisa a ser exercida em horários vagos e com os objetivos de aumentar a renda mensal e quem sabe, satisfazer algum ego pessoal escondido em algum lugar no subconsciente. Deste modo, sem qualquer visão e estratégia pedagógica; sem nenhum compromisso com a construção do conhecimento e do ser conhecedor; sem saber como se dão as formas de aprendizado e com desconhecimento de que para se praticar a docência é necessário ser formado para tanto, os primeiros contatos com a licenciatura, como “um tapa na cara”, nos fez descobrir literalmente que éramos realmente meros vendedores de aulas.

A convivência democrática e a interação com os colegas e professores, a rica troca de experiências mútuas, as observações em sala de aula, as entrevistas com os professores e a busca de subsídios para produção de conteúdo e material para a realização de um curso FIC, nos fizeram enxergar conforme FREIRE (2006), que ao pensar adequadamente o discente se permite como sujeito histórico, se conhece e conhece o mundo no qual se insere, intervindo sobre o mesmo e aprendendo a partir dos conhecimentos existentes e daqueles que serão ressignificados, criando as possibilidades para a sua própria produção ou construção.

A realização dos diversos trabalhos individuais e também os realizados em grupos como estratégia da boa formação nos fizeram perceber a importância de se ter liberdade em falar e ser ouvido, a relevância do ouvir para melhor aprender com o outro.

A integração com o próximo, a inclusão do diferente e a mediação na construção do saber que não acontece de forma estanque, em separado, mas através de uma concatenação de saberes e experiências diversas; coisas e objetos; a estrutura física do lugar e suas adaptações diversas

para acolher os diferentes como já dito só podem ser notados por aqueles que se permitem passar por uma imersão num ambiente onde se estuda e se discute o aprendizado, bem como suas aprimoradas formas de se chegar a ele, seus caminhos, a licenciatura.

6 O AMBIENTE DE FORMAÇÃO: Laboratório de Experiências e Saberes Docentes

Ao experienciar os saberes da docência nos permitimos enxergar que a licenciatura há muito tempo já possui seu próprio lugar no mundo do conhecimento (SANTOS e MORORÓ, 2019) e que referido lugar jamais deve ser confundido ou sobreposto por qualquer outro ramo do saber e isso, para evitar erro crasso e alteração para pior do resultado buscado. Isto, considerando que o fazer docência é atividade que deve ser exercida por professor e professor é o resultado de formação e preparação adequadas e minuciosas que fazem despertar no estudante aptidões diversas, percepções acuradas, rendendo-lhes a possibilidade de enxergar mais profundo e com isso, permitindo-lhe extrair dos mais simples objetos, palavras, atos, fatos e coisas, estruturas coesas e concatenadas de ensinamentos com a interdisciplinaridade digna e facilitadora da contextualização do conhecimento.

Viver por algum tempo imerso em meio aos diversos livros e textos elegidos para estudo e leitura obrigatória pelos vários professores do curso de licenciatura, assim como vivenciar o mundo das ideias e teorias de como é fazer docência neles retratadas; vivendo as emoções e aflições proporcionadas pela incumbência a nós erigida em produzir e redigir conforme as regras e normas vigentes os memoriais formativos, escrever ensaios, artigos, resenhas, resumos e relatos, individualmente ou em grupo, nos trouxeram riquezas que não podem ser mediadas tomando por base apenas um ramo do conhecimento. Entretanto foi na convivência com os colegas e professores, nas relações de troca de saberes, nas mediações inteligentes e democráticas realizadas pelos docentes orientando-nos na construção de nossos pontos de vista no que concerne ao peneiramento das ideias e pensamentos de terceiros que chegam até nós, que pudemos construir pari passo nossa estrutura de pensamento a respeito da licenciatura e sua importância no processo do fazer docência e sua significação na vida diária do professor. Todo esse somatório de saberes e ideias colhidas de cada professor, de cada colega, do ambiente da sala de aula, bem como dos diversos vetores formativos nos permitiram construir uma visão mais limpa e mais larga acerca do mundo da educação, do fazer docência e do construir conhecimento.

7 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Durante o período de um curso ou preparação para determinado ofício ou profissão, o estudante, de forma obrigatória ou não, vivencia a experiência do estágio, que configura-se na oportunidade para colocar os conhecimentos em prática e conhecer o dia a dia da futura ocupação.

O estágio, segundo Pimenta (2004), é parte integrante do conjunto de conhecimentos e saberes diversos do curso de formação. Devido sua vasta abrangência, pode permitir ao estudante livre trânsito entre todas as disciplinas, além de servir-se de material para análise e reflexão dos resultados do trabalho docente.

O estágio, então, deixa de ser considerado apenas como um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo, passando a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores. Poderá permear todas as suas disciplinas, além do seu espaço específico de análise e síntese ao final do curso. Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, de modo a compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. (PIMENTA, 2004, p. 55).

Para melhor entendimento da importância desse momento na vida do estudante, se faz oportuno responder as seguintes questões: O que é estágio? Quais os principais tipos de estágios? Quais as principais diferenças entre estágio obrigatório e não obrigatório? O que é o estágio Supervisionado? Para que serve o Estágio Supervisionado? Qual o papel do Estágio Supervisionado? Quais os efeitos do Estágio Supervisionado?

Para Pimenta (2006) o estágio é um campo do conhecimento e não somente uma atividade realizada no campo da prática, mas se produzindo na interação entre a formação nas diversas áreas do saber com o campo social onde se dão as práticas educativas.

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas (PIMENTA, 2006, p. 6).

7.1 Tipos de Estágio – Obrigatório e não Obrigatório

Entre as diversas disciplinas teóricas estudadas nos cursos ofertados pelas instituições regulares, o estágio é a forma prática de complementação dos estudos. É no estágio que os estudantes vivenciam as oportunidades para colocarem em ação os conhecimentos adquiridos teoricamente nas aulas.

A vivência dos estudantes na produção e na reprodução de saberes no mundo da prática pode ocorrer de duas formas: Através do Estágio obrigatório e por meio do Estágio não obrigatório supervisionado.

O estágio não obrigatório pode ser conceituado como aquele que não faz parte integrante da carga horária do curso estudado, contudo não se pode negar sua importância no aprendizado do estudante. Nesse tipo de estágio, pode ocorrer remuneração, devendo o interessado estar regularmente matriculado em instituição de ensino. E como atividade curricular, referido estágio faz parte integrante da proposta pedagógica com fins de contribuir no processo formativo, desenvolvendo habilidades na aplicação da teoria na vida prática do estudante.

O Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório é aquele constante da matriz curricular, que faz parte da carga horária de dado curso. Diferente do estágio não obrigatório, no supervisionado não há qualquer remuneração e nem relação de trabalho com a instituição concedente o estágio.

No curso de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica do IFB – Samambaia, por exemplo, os acadêmicos podem realizar o Estágio Curricular Obrigatório em instituições públicas, privadas ou do terceiro setor, desde que estejam regulares. No aludido curso, o estágio enquanto atividade didático-pedagógica exige supervisão acadêmica e também de campo, realizada por um profissional designado pela instituição.

7.2 O Estágio Supervisionado na Licenciatura

Na Licenciatura o Estágio Supervisionado se constitui na primeira grande oportunidade que o estudante, futuro professor, tem para observar a atuação docente frente aos desafios suscitados em sala de aula e ali realizar comparações entre o mundo teórico e o mundo prático da docência. Como ponte que faz a ligação entre o tempo de aluno e o tempo de professor, o estágio se faz fundamental para estabelecer paradigmas, levantar questionamentos e tecer críticas, contribuindo relevantemente na formação da personalidade do novo profissional de educação.

O Estágio Supervisionado por nós vivido a partir do início da formação docente nos colocou frente à oportunidade de observar o que é ser professor na prática, analisar o contexto educativo em que referido profissional se insere (PIMENTA e LIMA, 2006, p.13).

Nessa vivência verificamos ser o Estágio o rico momento em que o futuro profissional da educação realiza suas observações e reflexões acerca de suas futuras ações enquanto docente e aprende o fazer pedagógico fazendo. A partir de então percebemos que para ser professor não basta só o conhecimento de conteúdo da disciplina, é preciso muito mais que isso.

O professor não deve se prender à transmissão/assimilação do conhecimento, mas torná-lo atraente, facilitando o aprendizado, desenvolvendo aptidões, o interesse e a criatividade do estudante com vistas a atender aos interesses da sociedade. Neste sentido:

Os fins da educação não devem ser procurados fora do processo educativo, pois eles são o próprio processo educativo, ou seja, à educação destina-se simplesmente a mais educação, o que significa capacitar o indivíduo para desenvolver-se sempre mais. (SILVA, 2018, p. 36)

A educação deve focar no discente, estimulando a inteligência criativa, sem, portanto desmerecer a importância dos conteúdos escolares, já que o estudante leva consigo interesses e atividades de seu lar e do entorno em que vive, cabendo ao educador a tarefa de usar a “matéria-prima”, orientando as atividades para “resultados positivos” (SILVA, 2018, p. 22). Mas isso só poderá acontecer se estiverem os discentes de Licenciatura imersos ao meio, ao ambiente que proporcione reflexões à referidas mudanças e alterações do ser e no ser.

Para melhor entendimento do que temos dito em linhas superiores, peguemos como exemplo, o IFB – Instituto Federal de Brasília, Campus Samambaia, lugar de nossas mais profundas experiências com a Licenciatura.

Separadas as dificuldades padecidas por referida instituição de ensino, esta dispõe de boa estrutura para atender a comunidade acadêmica com amparo e inclusão social, dispondo de adaptações básicas para servir as pessoas com deficiência, dispondo ainda de profissionais qualificados para servir no apoio psicopedagógico.

No que se refere aos espaços comuns, o referido Campus dispõe de amplo estacionamento, suficiente para atender professores, alunos, funcionários e visitantes. Possui ampla área de convívio social, pátio, lanchonete, auditório sofisticado e quadra de esportes. Tudo em bom estado de conservação.

Tratando-se do Projeto Político Pedagógico da Instituição, em linhas gerais, prima este em atender a comunidade de Samambaia não só no que diz respeito às necessidades materiais do Campus, mas, sobretudo oferecer um ensino de qualidade mediante a intervenção participativa e imbricada de todos os profissionais que focados no desempenho escolar, visam abrir espaços para o crescimento, aprimoramento e autonomia da Instituição. O PPP segue uma linha que contempla as ações de apoio à missão dos professores que visa desenvolvimento da comunidade local através do acesso à educação levando-se em consideração o contexto cultural, econômico e social da região.

Como se pode perceber, trata-se de um conjunto de elementos e fatores que interligados entre si convergem para a formação do ambiente no qual o estudante de licenciatura nele imerso tem a oportunidade de conviver com discentes, professores e a comunidade que circunda o Campus, confrontando ideias extraídas de suas próprias experiências de vida com ideias elaboradas com os elementos colhidos no mundo vivido pelos colegas de turma e de modo mais visível, confrontar com as práticas adotadas pelos docentes e suas experiências compartilhadas em sala de aula, formando a partir de tudo isso, o interesse e a dedicação voltada para a missão de ensinar.

De acordo com PIMENTA e LIMA (2006) o estágio tem como uma de suas finalidades, criar condições para aproximar o estudante da realidade na qual exercerá suas atividades. Neste sentido, o Estágio Supervisionado exerceu e continua exercendo em nós o constante descortinar dos diversos cenários acima aludidos, bem como de seus elementos constitutivos (universo de coisas, ideias e pessoas que formam o ambiente escolar), desempenhando para nós e em nós o importante papel de portão de entrada para os testes e comparações, abrindo novos horizontes e fazendo de nós estudante, ainda que no plano das perspectivas, um professor na prática e ao mesmo tempo, como acima dito, material com o qual se estará em constante construção do professor do futuro.

A aproximação à realidade só tem sentido quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas de observação, está numa visão míope de aproximação da realidade. Isso aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam. É preciso que os professores orientadores de estágios procedam, no coletivo, junto a seus pares e alunos, essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz de teorias. Essa caminhada conceitual certamente será uma trilha para a proposição de novas experiências (PIMENTA e LIMA, 2006, p. 14).

O Estágio Supervisionado por nós realizado distribuiu-se principalmente em quatro principais momentos do curso.

No primeiro semestre (Estágio Supervisionado I) foram por nós vivenciadas as experiência das observações em sala de aula, onde nos foram proporcionadas as condições necessárias para reunirmos saberes para lhe dar diretamente com o discente no ambiente da sala de aula, nos permitindo também reunir os elementos suficientes para sermos observadores de nós mesmos, de nossos colegas e professores dentro de nossa própria sala de aula.

No segundo momento (Estágio Supervisionado II), fomos incumbidos de entrevistar professores e deles colhermos informações em linhas gerais, acerca do fazer docência, como interagir com os alunos, intervir e construir junto com eles o conhecimento independentemente das adversidades enfrentadas por cada um.

Já terceiro tempo (Estágio Supervisionado III), abraçamos a tarefa de elaborar em grupo, um plano de curso FIC, projetado por nós estudantes e para nós mesmos executá-lo em sala de aula, onde atuaríamos como professores no quarto tempo.

Por fim, no quarto e último semestre do curso (Estágio Supervisionado IV), passamos à fase de elaboração dos planos de aulas, das unidades didáticas e preparação psicológica para assumir a sala e ministrar nossas aulas na condição de estudantes e professor ao mesmo tempo.

8 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I: Observações da prática docente

Na realização do Estágio Supervisionado, é importante que se ressalte, foi possível observar entre outras coisas, a diferença entre o docente licenciado daqueles sem referida qualificação. Notamos ainda o quanto essa diferença reflete no comportamento, nos movimentos e nas expressões dos estudantes. Mas antes de discorrermos sobre tal ponto, falaremos de nossas impressões referentes ao envolvimento pedagógico entre professor/aluno e de que forma essas relações interativas se desenvolveram e nos marcaram no período de nossas observações.

Em nossas experiências enquanto estudante nos antigos primeiro e segundo graus, hoje ensino fundamental e médio respectivamente, tivemos a oportunidade de conviver com o modelo tradicional de educação onde o professor ocupava o lugar de transmissor do saber e o estudante sem qualquer questionamento ou oposição de ideias, tomava a posição de mero receptor, o que para nós até virar licenciando, era algo que parecia norma.

Já como estudante de Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica, sobretudo na prática das observações, pudemos verificar como o professor se apresenta em sala de aula e

como faz seu dia-a-dia na execução de seu mister. Chega ele, não como o detentor de toda a sabedoria e conhecimento do mundo, nem mesmo em sua área de atuação, mas coloca-se como um dos vetores do conhecimento, disponibilizando-se a construir o saber junto com o estudante, ou seja, como alguém que está aprendendo ao ensinar.

Aprendemos que os imprevistos que ocorrem em sala de aula, tanto por defeitos e/ou falta de equipamentos, intervenções em falas de estudantes e complementação em outras, além das mudanças de planos que às vezes se dão de forma repentina, requer a todo instante a reinvenção do professor e impõe a ele a obrigação de levar a vida em constantes estudos e preparação, munindo-se de saberes didático/pedagógicos e de conhecimento profundo do conteúdo sobre o qual discutirá com os discentes. Nessa relação de interação, vimos que o professor pode ser percebido em dados momentos como uma espécie de deus inacabado, um misto de perfeição e imperfeição humanas. Mas também ficou claro para nós, ser exatamente isso que o estudante precisa para se sentir à vontade e liberar seus medos de cometer erros, soltar seus pensamentos e expandir sua criatividade.

A primeira fase do Estágio foi reservada às observações da prática docente e das relações desenvolvidas entre professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem no ambiente da sala de aula, com ênfase nos resultados para o processo de fazer docência e nos benefícios trazidos aos atores nesse processo formativo.

Nosso trabalho de observação foi realizado entre os dias 26 de outubro e 16 de novembro de 2018. Nesse período foram observadas aulas de Informática; Física e Sistemas Estruturais em duas turmas de alunos do Curso Técnico em Edificações, na modalidade PROEJA. Aqui, para efeito de identificação, denominaremos de “A”, “B” e “C” os professores titulares das aludidas disciplinas.

8.1 Primeira Observação: Aula de informática

No dia 26 de outubro de 2018, foram iniciadas as observações do Estágio Supervisionado as quais se deram no laboratório de informática.

Na sala, presente o docente, professor “A”, titular da matéria, aguardava a chegada dos alunos do Curso Técnico de Edificações, Modalidade PROEJA.

Às 19 horas e 10 minutos, presentes oito alunos, o professor iniciou seu trabalho, informando que a aula seria dividida em dois momentos: No primeiro, seria estudada a edição de textos conforme determina a ABNT – associação Brasileira de Normas técnicas, a partir do

programa para computadores Libreoffice; Já no segundo, os alunos realizaram atividades concernentes a edição de textos a partir do referido programa.

Dados os esclarecimentos devidos, o professor pediu que os alunos ligassem os computadores de suas respectivas mesas e abrissem o Libre Office. Em seguida o aludido docente se dirigiu a cada uma das mesas dos alunos e verificou se os mesmos haviam conseguido executar o comando solicitado por ele. Feito isso, passou a fazer uma recapitulação dos itens estudados na aula anterior. Em seguida, fez uso da lousa e data show e explicou sobre o referido editor de textos e sobre sua grande importância nos dias atuais.

Durante a explanação do assunto, o docente chamou a participação dos alunos oferecendo perguntas e de forma bastante sutil, cobrando as respectivas respostas, sendo, portanto, correspondido.

O professor manteve o comando e direção da turma, buscando e sempre conseguindo a atenção dos alunos, fazendo uso, às vezes, de exemplos em tom humorizado, extraindo inclusive risos, deixando o ambiente bastante descontraído do início ao final da aula.

8.2 Segunda Observação: Aula de informática

No dia 09 de novembro de 2018, às 19 horas, o professor “A” já se fazia presente no Laboratório de Informática no aguardo de seus estudantes. A aula da noite foi iniciada às 19 horas e 15 minutos, estando ali presentes sete alunos do Curso Técnico em Edificações.

Na primeira parte da aula o professor fez uma recapitulação do assunto estudado na aula anterior, em seguida convidou os alunos para que se posicionassem mais à frente para facilitar a explicação e conseqüentemente o entendimento acerca do conteúdo exposto, já que a aula seria sobre o Libreoffice Writer, mas de forma mais expositiva. Com sua didática de fácil compreensão passou a explicar como se realizar configurações de página, margens, orientação, tipo de papel etc.

Verificou-se na oportunidade que o professor “A”, por sua empatia e capacidade expositiva sobre os assuntos tratados, sempre conseguia a atenção dos alunos, trazendo-os à participação e interagindo com eles de forma bastante descontraída.

8.3 Terceira Observação: Aula de Física

No dia 09 de novembro de 2018, às 20 horas, e 45 minutos o professor “B”, da disciplina de Física, após os alunos retornarem do intervalo, inicia sua aula, retomando o assunto discutido

na aula anterior que foi acerca de uma atividade de pesquisa. Em seguida o professor passou a discutir com os alunos e orientá-los sobre a construção de habitações sustentáveis sobre garrafa pet. Discutiram também, professor e estudantes, acerca da cultura da cidade de Samambaia na área de construção civil. Logo após, mediante as orientações do docente, passaram a pesquisar via internet, sobre os materiais para construir suas maquetes para exposição no Campus para toda a comunidade.

Verificou-se haver entre alunos e professor uma relação de proximidade muito forte, onde os discentes, completamente à vontade no ambiente da sala de aula, discutiam os assuntos sem qualquer medo ou restrição em suas colocações frente às indagações e perguntas dos colegas ou do docente. Percebeu-se também grande empatia entre os próprios estudantes e entre eles e o professor.

8.4 Quarta Observação: Aula de Sistemas Estruturais

Em data de 16 de novembro de 2018, às 19 horas, já se fazia presente na sala o titular da matéria de Sistemas Estruturais, o professor “C”. Às 19 horas e 16 minutos, estando presentes oito alunos. O referido professor dá início à sua aula da noite, retomando as explicações dadas na aula anterior que versava acerca dos trabalhos a serem realizados para exposição no IFB, Campus Samambaia, para comunidade acadêmica e demais interessados.

Em momento seguinte, o docente distribuiu material impresso aos presentes e pediu para que formassem dois grupos de quatro alunos cada para realização de atividade em sala.

Durante o desenvolvimento da referida atividade, percebeu-se boa interação entre alunos e professor com o deslocamento e circulação do docente entre os grupos formados, levantando questionamentos e tirando dúvidas, criando um ambiente de liberdade no exercício do aprendizado mediante visíveis laços de companheirismo e ajuda entre os discentes.

Notou-se existir ali um ambiente de liberdade suficiente para permitir aos alunos tratarem dos temas propostos com bastante naturalidade, lhes permitindo falar de suas experiências e vivências anteriores, contribuindo de forma decisiva através de comparações, com o professor em suas explicações, consigo mesmo e com os colegas no entendimento da matéria.

8.5 Reflexão sobre as observações

As observações realizadas em sala de aula durante o Estágio Supervisionado, nos permitiu verificar a prática educativa no dia a dia do professor, nos remetendo a reflexões acerca das responsabilidades assumidas ao se aceitar a missão de educador.

Ao considerar que na execução do fazer docência é necessário conhecimento da disciplina e aplicação de metodologias adequadas em ambiente também adequado, também se exige do professor a adoção de uma pedagogia crítica a qual associa escola e sociedade, teoria e prática e professor e estudante num sistema imbricado, no qual o conhecimento se constrói a partir da interação, da empatia e do comprometimento na relação entre quem ensina e quem aprende.

De acordo com Pimenta (1997), todos esses conhecimentos e saberes podem ser classificados em três tipos importantes: os saberes da experiência, saberes do conhecimento e saberes pedagógicos.

Os saberes da experiência, expressam a identidade do professor, dizem respeito a sua formação e sua prática do dia a dia. Já os saberes da docência dizem respeito à formação voltada para humanização do estudante, pois a educação tem como objetivo (PIMENTA, 1997, p. 9) “possibilitar que os alunos trabalhem conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria”.

Por terceiro e último, conforme a referida autora, os saberes pedagógicos, são saberes elaborados a partir da necessidade pedagógica nascidas no cotidiano, da prática do professor.

Nas observações pôde-se verificar o trato respeitoso dispensado aos estudantes por parte dos professores, a interação, o interesse e a harmonia entre todos da sala, o chamamento e o atendimento à participação para os conteúdos explanados.

A explicação para tudo isso é curta e nesse contexto, arriscamos chamá-la de preparo. Pois a dedicação, doação de si próprio ofertada pelos docentes que na busca da articulação dos diversos saberes se formam e se informam para melhor ensinar seus estudantes.

9 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II: Entrevistas com professores

A realização de pesquisas pelos estudantes no período do estágio e como parte deste, pode ser usada conforme PIMENTA e LIMA (2006) como estratégia ou método aplicado pelo professor ou pela instituição de ensino como uma das possibilidades para o constante melhoramento da formação do estagiário como futuro professor. Ainda nesta linha de pensamento

O estágio configurado como espaço de pesquisa nos cursos de formação, além de contribuir para a construção da identidade docente, amplia e aprofunda o conhecimento pedagógico e da práxis educativa docente, especialmente quando se vincula às escolas públicas (PIMENTA e LIMA, 2019, p. 8).

Em nossa pesquisa de campo, verificamos na prática o dia a dia dos docentes entrevistados, as dificuldades surgidas e enfrentadas por eles, suas adaptações e readaptações frente às constantes mudanças no cenário do ambiente de ensino-aprendizagem. Toda essa experiência somada ao aprendizado de base teórica, formaram o conjunto básico de saberes indispensáveis para nossa iniciação como professor. Neste sentido:

A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. (PIMENTA e LIMA, 2006, P 14).

A segunda fase de nosso Estágio configurou-se principalmente no trabalho de pesquisa de campo, realizada por um grupo formado por três estudantes do curso de Licenciatura 2018/2020, entre os quais estávamos nós.

A pesquisa foi realizada junto ao corpo docente do IFB, *Campus* Samambaia. Nesse momento tivemos a oportunidade de entrevistar professores licenciados e não licenciados e com base nas perguntas oferecidas e nas respostas por eles dadas, realizamos uma análise do que é ser docente e como se desenvolve esse trabalho junto aos estudantes a partir dos saberes, experiências e percepções desenvolvidas por cada docente entrevistado.

Durante a primeira parte das aulas no período em que estávamos trabalhando o Estágio Supervisionado II, foi reservado algum tempo para em conjunto, licenciandos e professores, discutirmos e prepararmos o questionário a ser submetido aos professores para a colheita dos dados informativos acerca de suas práticas diárias em sala de aula.

O questionário produzido dispõe de indagações desde a importância da licenciatura na formação para docência; perguntas aos entrevistados o que para eles, seria ser professor; como referidos entrevistados se organizavam e se reorganizavam pedagogicamente diante dos desafios

apresentados em sala de aula. Entre essas questões, perguntou-se também se os referidos entrevistados realizavam avaliação diagnóstica e o que achavam sobre sua aplicação.

Tomadas as devidas cautelas e procedimentos de praxe que a situação requer, procedemos com todas as entrevistas cujas respostas dadas às perguntas apresentadas mostraram-se díspares em alguns aspectos, mas uníssonas em outros, conforme dispõe as páginas subsequentes deste trabalho.

Todas as entrevistas foram realizadas com professores lotados e em atividade no IFB - Campos Samambaia. Entrevistamos cinco docentes, sendo dois do sexo feminino e três do sexo masculino. Para facilitar a comunicação e para efeito de guardar sigilo nomearemos os entrevistados de professores “01”, “02”, “03”, “04” e “05”.

9.1 Questionário 01: O que é ser professor?

Grande parte das pessoas, muitas delas docentes, ao serem instadas a definir o vocábulo professor, não o definem, dão exemplos vários das práticas executadas por esse profissional em seu fazer cotidiano. Assim também procederam os docentes por nós entrevistados conforme se nota abaixo:

- Professor 01, “ser professor é dar oportunidade à outra pessoa. [...] professor é dar oportunidade para o aluno”.

- Professor 02, “professor pra mim, ele é uma fonte de conhecimento para que a pessoa alcance um diferencial na vida profissional e pessoal dela”.

- Professor 03, “professor é você ensinar um ofício à um aluno [...]”.

- Professor 04, “ser professor é poder passar tudo que eu sei, é poder transmitir o conhecimento, participar da formação de alguém, promover elevação de escolaridade, promover melhores caminhos”.

- Professor 05, “[...] ser professor é todo dia aprender alguma coisa diferente, é um processo de aprendizagem, é estar disponível para se superar, para se perceber, estudar. Ser professor é aprender[...]”.

Nas respostas a nós apresentadas, os afazeres, as práticas e intenções e os resultados alcançados com o trabalho docente são expostos como principais justificadores da condição de ser professor, demonstrando que mais importante do que a definição do vocábulo, é saber ser professor, é saber agir como professor e apresentar resultados de professor, conforme assevera Demo:

É preciso redefinir o professor pela via da aprendizagem, não da aula. Professor é, primeiro, quem sabe aprender com virtudes comprovadas e reconhecidas. Segundo, é quem sabe fazer o estudante aprender. Não se trata de “dar aula de matemática”, mas de assegurar que os estudantes aprendam de verdade matemática. O cuidado com o aluno é primordial, porque é a razão de ser da atividade docente. Segue outra forma de avaliar, já que não se busca reprovar, mas garantir, ainda mais, que o aluno tenha seu direito de aprender devidamente efetivado. Aí aparece sobretudo o papel de educador, ou a face da politicidade do professor (DEMO, 2001, p. 9)

Expor e explicar conteúdos, dar aulas, aplicar e corrigir provas, ajudar o estudante aprender, são tarefas executadas pelo professor. Conforme diz Freire (1996) e esse conjunto de afazeres e propósitos devem abrir caminhos e possibilidades para sua própria produção e construção.

9.2 Questionário 02: O que você pensa sobre a formação para docência?

As repostas dadas pelos entrevistados mostraram-se bastante diversas, vejamos:

- Professor 01 – “Eu acho ela muito precária. O nosso país, eu acho ele muito atrasado em relação a isso. [...] A minha atuação em sala de aula foi por mim mesmo [...]”.

- Professor 02 – “Então, os docentes, eles não podem ficar parados. [...] Então quer dizer que ele tem que continuar lendo, tem que continuar sua formação, porque é pra melhorar [...]”.

- Professor 03 – “[...] durante o período do curso não existe formação para a docência né. Acho que hoje falta um pouco disso, na preparação de todos os cursos, em todas as áreas”.

- Professor 04 – “Eu como bacharel, hoje licenciada, a formação para a docência é fundamental [...]”.

- Professor 05 – “Eu acho que existe mais de uma formação para a vida do que para a docência, então todo mundo é capaz de ensinar de alguma forma, não sei se a docência forma algo [...]”.

A execução aprimorada e exitosa das atividades inerentes a cada profissão requer por parte do profissional, entrega pessoal e voltada aos fins os quais se buscam. No fazer docência não é diferente, pois a arte de ensinar exige saberes que só se adquirem com a imersão do docente no ambiente do conhecimento que lhe assegure a visualização da construção de si próprio numa relação de busca para construção dos estudantes. Neste sentido Libânio afirma que:

A organização dos conteúdos da formação do professor em aspectos teóricos e práticos de modo algum significa considera-los isoladamente. São aspectos que devem ser articulados. As disciplinas teórico-científicas são necessariamente referidas à prática escolar, de modo que os estudos específicos realizados no âmbito de formação acadêmica sejam relacionados com os da formação pedagógica que tratam das finalidades da educação e dos condicionantes históricos, sociais e políticos da escola. Do mesmo modo, os conteúdos das disciplinas específicas precisam ligar-se às suas exigências metodológicas. (LIBÂNIO, 2006, P. 27).

Verifica-se nas respostas apresentadas, entre os cinco entrevistados, quatro consideram a formação para a docência um facilitador para um melhor desempenho da atividade docente, além de mostrar caminhos para se chegar ao resultado desejado, que é o aprendizado do estudante, principalmente.

O docente precisa saber explorar com propriedade os conhecimentos, transformando-os de modo a deixá-los mais “palatáveis” e de mais fácil apreensão pelos estudantes. Contudo, para se chegar tal objetivo, o professor precisa ter passado pela devida formação e preparo. Neste sentido,

o professor precisa, antes de tudo, aprender bem e, portanto, levar o aluno a aprender bem. O fenômeno da aprendizagem é uma qualidade tipicamente humana que compreende a qualidade formal, isto é, o conhecimento e cognição, bem como a qualidade política, quer dizer ideologia e ética do conhecimento. Entre ambas, estabelece-se não só uma relação necessária, mas ao mesmo tempo uma hierarquia, já que a primeira é o meio, enquanto a segunda é o fim (DEMO, 1998, p. 2).

9.3 Questionário 03: A partir das dificuldades encontradas em sala de aula, como você se

reorganizar pedagogicamente?

- Professor 01, “[...]. Essa reinvenção, vamos dizer, ela não é estática, ela é bem dinâmica. Vamos dizer que a gente leva uns tapas aí (risos). A gente usa as turmas como cobaia e a partir do momento que a gente vai tendo essa relação professor-aluno com cada público, a gente vai mudando, vai tentando outras propostas[...]”.

- Professor 02, “Então quando você está dando uma aula, a forma como você diz, a repetição que você faz, a introdução, o tom, a altura sua também, isso influencia no aprendizado do aluno; você tem que interagir com ele, trazer eles pra entender o conteúdo [...]”.

- Professor 03, “É, eu acho na verdade que cada semestre é diferente do outro né. Então na verdade eu me preparo com o básico, aí você vai se reorganizando na medida que você vai vendo a sala, os tipos de alunos, as dificuldades que os alunos apresentam. [...]”.

- Professor 04, “[...] eu tento muito reorganizar é, passei por um conteúdo, sempre tento ter um *feedback* ou ver um *feedback* mesmo que seja no laboratório com atividades paralelas[...]”.

- Professor 05 – “Essa reorganização é dependente do perfil da sala, perfil do aluno, perfil do semestre, perfil da disciplina, então ela requer uma sensibilidade, um conhecimento e um estudo específico para cada aluno, cada situação, cada turma, [...]”.

Conforme as respostas dadas pelos entrevistados, o surgimento inesperado de dificuldades e problemas no dia a dia do professor é uma constante e para o enfrenta-los com maestria, sem comprometer a qualidade do trabalho docente e o resultado almejado é preciso trabalhar no sentido de que o estudante aprenda. Nesta perspectiva, Demo (2001) aponta que para fazer com que o estudante aprenda, se faz necessário o preparo, o conhecimento e a experiência.

9.4 Questionário 04: Como você percebe o uso das tecnologias no processo de aprendizagem em sala de aula?

Professor 01, “Veio para agregar [...] então ela veio realmente pra ajudar, apesar de que a tecnologia deixa a gente bem preguiçoso até mesmo para pensar, tem os prós e os contras também”.

Professor 02, “Então, é....eu entendo que é muito boa, mas você tem que fazer um estudo pra saber a funcionalidade se tá atingindo o ponto que você tá colocando pro seu conteúdo [...]”.

Professor 03, “A gente tá se reorganizando, readaptando às grades. Tudo isso, para poder assumir essas tecnologias. Então acho que não tem muito a discutir não, tem que aderir”.

Professor 04, “Eu sou uma pessoa que usa bastante, uma das minhas avaliações inclusive é produzir vídeo aula”.

Professor 05, “No caso da minha docência, no meu contexto, na minha área, a tecnologia está aí e não tem o que ser feito e você, tem que usar a seu favor, [...]”

O tempo digital é hoje. Sendo assim, é importante ressaltar que que as novas tecnologias abrem caminho para o professor se reinventar e contribuir de forma ainda mais pujante para que seus estudantes ganhem um mundo de conhecimentos através dos recursos tecnológicos.

Sabe-se que o papel do professor diante das novas tecnologias ultrapassa as tarefas de passar e explicar conteúdos, realizar avaliações e corrigir provas como já dito, agora se completa com o acompanhamento e viabilização das discussões em rede, acerca dos mais diversificados temas e assuntos.

Colhe-se das respostas dos entrevistados que todos, de algum modo, já fazem uso desse mundo de benefícios. De modo que fica claro que aderir às novas tecnologias e fazer bom uso delas humanizando-as no processo de ensino-aprendizagem é perceber a importância do docente e da necessidade de sua intervenção no contexto de transformação dos meios e métodos de ensinar em benefício dos estudantes. Neste sentido:

Os saberes da docência que se referem ao conhecimento estabelecem que os professores, mais do que informar, são responsáveis por humanizar seus alunos pois, nos dias atuais, a educação tem como finalidade (...) possibilitar que os alunos trabalhem conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria (PIMENTA, 1997, p.9).

9.5 Questionário 05: Qual a sua percepção sobre a avaliação diagnóstica?

Professor 01, “Eu vou ser sincero eu não faço avaliação diagnóstica, eu na verdade começo o curso pensando nesse público que eu tenho então eu começo do “básico” [...]. Eu diria que é porque eu ainda não parei para fazer essa avaliação, eu não cheguei a parar e a estruturar a avaliação diagnóstica. [...] Eu começo dando a aula e faço uma provinha escrita, acho que eu posso chamar de avaliação diagnóstica, eu não sei né. Mas eu nunca parei para estruturar em si.

Professor 02, “[...] Então, é, eu comecei fazendo essa avaliação diagnóstica com muitos alunos, só que entre eles tava acontecendo um fato muito ruim, um aluno na diagnóstica, ele veio da escola X e ele veio da escola Y, tem aprendizagens diferentes, eu dou aula aqui, ah, eu dou um curso, uma matéria, que só tem no segundo grau [...] no atendimento eu falo o que você não entendeu na sala de aula? você vem e você começa a fazer o diagnóstico individual com cada um, aí você não tem mais a politização da sala de aula[...].

Professor 03, “Só faço com alunos com dependência. Esse aluno quando tá de dependência é feita uma avaliação diagnóstica.

Professor 04, “[...] a avaliação diagnóstica pra mim ela é fundamental, tem que saber fazer, tem que saber usar e saber interpretar, [...]”.

Professor 05, “Aqui, nesse contexto da instituição, o diagnóstico normalmente você já vê. Como é uma disciplina básica [...] e são alunos do ensino médio, então o diagnóstico deles eles têm que passar e ser aprovado no ENEM, [...]”.

Conhecer e fazer uso das modalidades avaliativas no devido tempo no processo de ensino e aprendizagem é atribuição primária do professor. Pois é a avaliação que indica, em seu tempo, o que precisa ser feito, como e para quem e de que forma, os conhecimentos diversos e experiências múltiplas do docente devem ser canalizadas para promoção do aprendizado dos diferentes estudantes. Deste modo, avaliar é abrir caminhos para detecção de competências e aptidões, delas as vezes deficitárias, comuns e as vezes com superdotação. Sendo assim

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos e

dificuldades e reorientar o trabalho para as correções necessárias. (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

A avaliação da aprendizagem segundo FORNO (2016, p. 103), “é uma das etapas do processo de ensino-aprendizagem, indissociável à formação docente”. Deste modo, compreender suas etapas e concepções diagnóstica, formativa e somativa se faz indispensável para o entendimento do processo como um todo. Já que

[...] a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuição de notas. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico – didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

Na composição do referido processo de ensino-aprendizagem, outros processos menores e diversos procedimentos devem ser observados para que se chegue ao objetivo desejado e frente a essa possibilidade, para compreender o sentido da avaliação é importante entender os três diferentes modelos, independentemente da ordem de aplicação, são eles:

O primeiro tipo analisado aqui é a Avaliação a Diagnóstica, como sugere o próprio nome, além de cuidar de um diagnóstico da situação da aprendizagem do estudante em dado momento, trata também de diagnosticar o trabalho realizado pelo professor. Segundo Forno,

É o momento de compreender qual é a intencionalidade da avaliação e repensar os caminhos a serem direcionados para garantir de forma mais precisa a aquisição dos conhecimentos por parte dos alunos. Ao professor cabe repensar e reorganizar seu planejamento, e aos alunos, proporcionar um momento também de reflexão sobre o seu estágio de desenvolvimento com visando melhorar sua dinâmica de estudo (FORNO (2016, p. 105).

Para Libâneo (1994) a avaliação por meio de sua função diagnóstica deve ser realizada no início do processo, visando orientar o trabalho do professor. Nesse momento são analisados os conhecimentos prévios dos estudantes para que o professor possa pôr em prática o seu planejamento, de forma a atender as características individuais de cada um dos estudantes e partindo dessa compreensão, assenta-se que a avaliação diagnóstica pode ser considerada o ponto

de partida para uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos estudantes.

A segunda modalidade de avaliação é a chamada Formativa que tem como fundamento a noção de avaliação como processo contínuo que se assenta na ideia de reajustamento do trabalho do professor a partir da reflexão acerca de seu próprio planejamento e reorganização didática. Segundo Demo (1999), a ação de refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, consubstancia-se em avaliação, e avaliar é também planejar, é traçar objetivos a serem buscados, perseguidos.

Refletir é também avaliar, e avaliar é também planejar, estabelecer objetivos etc. Daí os critérios de avaliação, que condicionam seus resultados estejam sempre subordinados a finalidades e objetivos previamente estabelecidos para qualquer prática, seja ela educativa, social, política ou outra. (DEMO, 1999, p.01).

Este tipo de avaliação segundo Forno (2016) apresenta um foco formativo dupla face, na primeira, ajuda a regular o processo de construção da aprendizagem e na segunda, apresenta-se como função corretiva, pois pode, quando bem feita, permitir a verificação da ocorrência ou não de modificações na relação ensino-aprendizagem.

O terceiro tipo de avaliação é a Avaliação Formativa, chamada por muitos de terminal ou cumulativa. Esta modalidade volta sua atenção para o final do processo e demonstra ter função claramente certificativa, pois busca alcançar uma visão global de todos os feitos do estudante, acurando todo seu desempenho em dado período. Deste modo, essa forma de avaliar foca o resultado final, onde emite parecer de aptidão ou inaptidão.

Conforme Forno (2016), apesar dos três tipos de avaliações apresentarem funções diferenciadas é importante saber que se complementam entre si. De modo que o diagnóstico entrega elementos para um bom planejamento do professor que avaliando continuamente seus estudantes, pode se chegar a uma avaliação final constatadora do crescimento discente e docente.

Da análise das respostas empregadas para o questionário a respeito da percepção do professor sobre a avaliação diagnóstica, verifica-se que mais da metade dos entrevistados não adotam o uso de referida avaliação em seu trabalho docente. Dois entre eles deixa transparecer não dar importância à diferença existente entre as modalidades da avaliação e a que cada uma delas se destina. Entretanto, buscam dentro de suas possibilidades, chegar ao objeto do ensino que é fazer o estudante aprender os conteúdos e se preparar para enfrentar a vida e o mundo.

10 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III: Preparação do Plano de Curso FIC

Sob a orientação constante da professora titular da disciplina de Estágio, a terceira etapa do estágio supervisionado consubstanciou-se na escolha do tema, estudo e preparação do curso FIC, o qual foi ofertado à comunidade em geral, em momento oportuno, na quarta etapa de estágio, tendo nós, ora estudantes da licenciatura profissional e tecnológica, como os professores do curso que nós próprios elaboramos, sob a chancela do IFB.

No primeiro momento, dificuldades se anunciaram e entraves se apresentaram, pois apenas três cursos deveriam ser preparados. A turma de licenciatura ago-2018/out-2020, muito mesclada, tanto no diz respeito ao campo de formação dos estudantes (Administração, Tecnólogos da informação, Comunicação, Saúde, Direito e outros), quanto ao que se refere a idade (de 22 a 55 anos).

A diversidade na formação, a diferença de idade e os objetivos que nos trouxeram para a licenciatura profissional, refletem no que pensamos fazer com os conhecimentos e o título adquiridos neste curso, se vamos usá-los para melhorar a própria vida e a vida dos outros, ou se vamos guardá-los e deixar tudo continuar como está. Todas essas questões causaram reflexos nas discussões travadas entre nós na eleição de três temas que congregasse, respeitasse e incluíssem os anseios de todos.

Dada a vocação do IFB - *Campus Samambaia*, voltada para a construção civil, fabricação de móveis e áreas correlatas, inicialmente escolhemos, juntamente com outros onze colegas, trabalhar um plano sobre o mercado de imóveis, mais especificamente um curso FIC de transações imobiliárias. Entretanto, as amarras legais e o curto espaço de tempo que nos restava para a produção do plano de curso e sua submissão e aprovação pelo colegiado da instituição e posterior publicação dos editais de oferta para a comunidade, nos impossibilitou tratar do tema.

Importante ressaltar que o trabalho realizado pelo grupo em torno do projeto do FIC em transações imobiliárias foi aproveitado e os integrantes do referido grupo foram incorporados em um novo projeto de curso, agora, sobre o tema Direitos Humanos.

10.1 Preparação do Plano de curso FIC em Direitos Humanos

Após as discussões entre a professora da disciplina de estágio e os estudantes em torno de quais seriam os temas a serem trabalhados para formatação dos projetos e planos dos cursos FIC que seriam ofertados para a comunidade, sob o consenso de todos, foram escolhidos e

formatados: 1. Aprendendo a Empreender - Nível Intermediário; 2. FIC Recolocação Profissional e Formação Cidadã; e 3. Direitos Humanos, Ética, Convivência Democrática e Educação Inclusiva na Construção da Sociedade Possível.

Durante a organização e composição dos três grupos formados para o estudo e preparação dos planos dos referidos cursos, os estudantes exercem total liberdade para decidir qual assunto trabalhar na preparação de seus planos de aulas em particular, tudo na conformidade de suas formações e saberes adquiridos em suas graduações.

Nós em particular, havíamos apresentado trabalho na disciplina de Educação Inclusiva que estava sendo desenvolvida no mesmo período, exatamente dispondo do tema e formato tal qual foi trabalhado pelo grupo Direitos Humanos. Na ocasião da apresentação, a professora titular da disciplina sugeriu a adoção do trabalho para o desenvolvimento do projeto do curso FIC em Direito Humanos. Grande parte dos estudantes presentes aderiu a ideia.

Formado o grupo composto de onze estudantes, nos debruçamos na adequação e formulação das disciplinas que seriam ministradas no curso FIC Direitos Humanos. A linha de pensamento traçada e executada na construção e planejamento do referido curso, foi no sentido de contemplar ao máximo os saberes e habilidades dos integrantes do grupo, bem como explorar na medida do possível, as disciplinas por nós estudadas até aquele momento do curso de Licenciatura Profissional e Tecnológica. Assim sendo, adotamos os Direitos Humanos, a Ética, a Convivência Democrática e Educação Inclusiva na construção da Sociedade possível, como matizes do nosso plano de curso.

10.2 Justificativa para a temática do FIC

Os grandes desafios enfrentados pela sociedade mundial nos últimos cinco anos, principalmente no se refere ao enfrentamento aos ataques aos Direitos Humanos, e como consequência, o surgimento de crises humanitárias, que deve seu aparecimento ao fortalecimento de grupos atentatórios a segurança e à dignidade das minorias, como via de mão dupla, apoiam e recebem apoio de governos com orientação antidemocráticas, mas com forte sustentação popular.

O cenário desenhado pela realidade que se vive atualmente nos países periféricos, caso do Brasil, que embora com forte base jurídica e legal quanto a defesa dos direitos humanos, tem padecido sérios reveses e direitos fundamentais tem sido violados, desde o direito ao meio ambiente sustentável, direito a dignidade e inclusão, direito ao trabalho digno, direito ao gênero, direito à moradia, à educação e a saúde digna.

No propósito de avançar no desenvolvimento da defesa e do exercício da dignidade da pessoa humana, é que se propôs o referido FIC. Já que consideramos que a resposta efetiva aos problemas aqui elencados, passam pela aquisição por parte da sociedade brasileira, de conhecimentos, saberes e posturas, sobre direitos humanos, ética, convivência democrática e educação inclusiva.

10.3 Objetivos

A sociedade na qual se vive, goza dos resultados das relações estabelecidas por seus cidadãos ontem e hoje. Deste modo, é certo afirmar que vivemos na sociedade que foi possível construir com os esforços nela empregados e empreendidos até aqui. Assim sendo, se queremos um país de dignidade para seu povo, o único caminho é cultivar o ensino em defesa dos direitos humanos, da ética, da convivência democrática e da inclusão como necessidades primeiras.

O plano do Curso FIC foi elaborado com o objetivo de oferecer conteúdos capazes de desenvolver aptidões para a promoção de discussões e ações em defesa dos Direitos Humanos, da Democracia, da Ética, da Convivência Democrática e da Educação Inclusiva, tanto nos ambientes familiares, escolares, no trabalho, na igreja, ou em ambiente de recreação e lazer

Com uma visão globalizada do conhecimento e o entendimento de que o diálogo entre as disciplinas abre caminhos para a solidez do aprendizado e estruturação do indivíduo como ser independente e capaz, o curso FIC em Direitos Humanos abraçou as temáticas da ética, democracia, Comunicação não violenta, inclusão, meio ambiente, arquivologia, turismo, direitos da mulher e violência doméstica, Minorias Étnicas e Raciais, Indígenas, Quilombolas, Homossexuais e defesa de crença, Topografia(s) da(s) cidade(s), Territorialidade e cidadania, valor e tutela do trabalho,

10.4 Metodologia

O plano do curso foi desenvolvido para ser realizado na modalidade presencial. As aulas seriam ministradas de modo que teoria e prática se entrelaçam de forma clara e objetiva, desenvolvendo o interesse do estudante pela temática dos Direitos Humanos como instrumento de sua formação. A aplicação se daria por meio de aulas expositivas e dialogadas, com uso de material previamente recomendado, além de outros recursos pedagógicos, tais como filmes, músicas e poesias.

11 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV: A prática docente em sala de aula

Vencida a etapa de preparação do plano de curso, sob a dedicada orientação e paciência dos professores da Licenciatura Profissional e Tecnológica, passamos à fase de elaboração dos planos de aulas, das unidades didáticas e preparação psicológica para assumir a sala e ministrar nossas aulas na condição de estudantes, mas ao mesmo tempo professor de fato.

Dada nossa formação e afinidade com o direito, escolhemos tratar da apresentação Histórica, dos Conceitos e Concepções dos Direitos Humanos sob a perspectiva interdisciplinar, considerando a Ética, a Convivência Democrática e a Educação Inclusiva na construção da Sociedade Possível.

11.1 A prática docente

A prática docente em sala de aula para nós se traduziu em um exercício do saber-fazer do professor e ao mesmo tempo na construção desse saber-fazer, já que este, como complexo de nuances e pluralidades repleto de incompletudes, está sempre carente de renovação. Deste modo, experienciar a prática em sala de aula nos permitiu enquanto estudante/professor, refletir sobre nossa ação na construção de nossa própria identidade profissional sem deixar de considerar a ressignificação da profissão docente. Conforme assevera Tardif:

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relações com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra. (TARDIF, 2002, p. 53).

Dada relevância e extensão do conteúdo por nós escolhido e a desistência de alguns membros do grupo e professores, distribuímos as matérias e as inserimos no contexto da parte a mim tocante. Deste modo, ficamos com um limite de tempo de doze horas aula ou seis encontros. Contudo, em razão da pandemia causada pelo coronavírus que se espalhou pelo Brasil, as aulas foram suspensas e curso, já em andamento, foi abortado. Diante disso, tivemos a oportunidade de estar em sala de aula como professor durante dois encontros nos quais vivemos experiências e ganhamos aprendizados que serão cultivados para toda nossa vida.

11.2 O primeiro encontro

Sempre acompanhados e orientados pela professora designada para tal mister, o grupo do curso FIC em Direitos Humanos decidiu que o primeiro encontro com os estudantes se daria com a apresentação do plano de curso em toda sua inteireza e após esta etapa, seguiria a apresentação individualizada de todos os professores do aludido curso. Assim foi feito.

Seguindo recomendações da professora de educação Inclusiva e material didático, o plano de aula de apresentação foi preparada na forma de unidade didática e para facilitar a visibilidade e a compreensão, lançamos mão de imagens, cores e ilustrações.

A experiência por nós vivenciada em sala de aula, depois de experienciar a licenciatura nos fez mais convencido de que realmente “ser professor é uma arte”, pois o uso de diversas ferramentas, delas até inusitadas, muitas vezes arrancadas do improviso e do repentismo, são empregadas pelo docente no interesse constante de fazer com que o estudante aprenda. Neste sentido:

“Ensinar é entrar em uma sala de aula e colocar-se diante de um grupo de alunos, esforçando-se para estabelecer relações e desencadear com eles um processo de formação mediado por uma grande variedade de interações.” (Tardif, 2002, p.165)

11.3 O segundo encontro

Como professor, no segundo encontro ministramos nossa aula conforme plano por nós elaborado com a orientação e supervisão da professora responsável pelo curso FIC Direitos Humanos.

Conforme Tardif “Ensinar é, portanto, fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos” (2002, p. 132). Na aula buscamos construir o diálogo entre os assuntos componentes de nossa disciplina e associar as práticas individuais dos cidadãos, como materiais de construção dos resultados que hoje se colhe na sociedade.

11.4 Objetivo

Nosso objetivo na segunda aula foi socializar conteúdos pertinentes aos Direitos Humanos, Ética, convivência democrática, educação inclusiva e Cidadania, para viabilizar e

desenvolver a defesa de condutas pessoais, profissionais e coletivas conforme os princípios e fundamentos de justiça e equidade.

Para trabalhar a matéria distribuimos o tempo da aula em três momentos principais. O primeiro, reservamos à exploração sucinta do tema proposto com exposição de conceitos e pontos de vista dos estudantes, identificação de seu objeto e efetividade social. Para aprimorar o aprendizado e a fixação do conteúdo, trabalhamos as questões: o que é Direitos Humanos? Para que servem os Direitos Humanos? Qual sua importância? Qual sua aplicabilidade?

No segundo momento, estudo do texto “Democracia e direitos humanos – reflexões para os jovens”, de Maria Victoria de Mesquita Benevides, para a orientação de debates e construção de saberes. Já o último tempo da aula foi reservado a uma Roda de conversa acerca dos assuntos até ali estudados e discutidos.

12 A LICENCIATURA NO PROCESSO DE FAZER DOCÊNCIA

A importância da licenciatura no Brasil, assim como seu próprio desenvolvimento, passou por diferentes momentos os quais marcam a trajetória da política nacional de formação dos professores. Para entender sua trajetória, três momentos principais devem ser considerados: O primeiro momento trata da origem das licenciaturas que tem o Decreto nº 19.851/1931, como marco legal. Referido Decreto relaciona as Licenciaturas à política de organização das Universidades; já no segundo momento, acontece a reforma das licenciaturas prevista na Lei nº. 5.540, de 1968, dispondo sobre reforma das Universidades; enquanto no terceiro momento reputado importante trata do atual contexto das licenciaturas, cuja regulação legal é a atual LDB, Lei 9.394 de 1996.

Embora o interesse pela formação de professores em nível superior tenha suas origens que remontam os ideais republicanos desde a implantação de República em 1889, somente a partir do ano de 1930, surge, do ponto de vista legal, o estabelecimento de critérios de organização das universidades, alterando as condições de formação de professores. Destacando-se a chamada reforma Francisco Campos, que de acordo com Santos e Mororó:

[...] o governo buscou elaborar o seu projeto universitário articulando medidas que se estenderam desde a criação do Conselho Nacional de Educação (Decreto-Lei nº 19.850/31), a promulgação do Estatuto das Universidades Brasileiras (Decreto-Lei nº 19.851/31)⁴ e à organização da Universidade do Rio de Janeiro (Decreto-Lei nº 19.852/31). Diante das medidas adotadas, a criação da Faculdade de Educação, Ciências e Letras iria imprimir às universidades outra configuração de instituição universitária,

pois, do ponto de vista discursivo, a faculdade assumiria um caráter de unidade integradora dos diferentes institutos, um espaço que viria a se afirmar como um centro de criação do saber e de produção do conhecimento que, de acordo com Minto (2014), deixaria de existir a partir do Decreto-Lei nº 1.190/1939 com a centralização e padronização das universidades.(SANTOS E MORORÓ, 2019, p. 4).

Apartir da adoção da regulamentação, percebe-se importante mudança no contexto organizacional das universidades com vistas ao atendimento do Ensino Superior. Entretanto, a aplicação e efetivação da Reforma Francisco Campos, no que se refere à formação de professores, só ocorreu no ano de 1934, com a criação da primeira Faculdade de Ciências e Letras, vinculada ao Instituto de Educação da Universidade de São Paulo.

Ressalte-se que essa reforma trouxe as primeiras alterações importantes no que se refere a efetiva formação dos professores do ensino secundário, a partir da criação do registro de professores no Ministério da Educação. Com referido registro, estabelecia-se a exigência de formação específica, as Licenciaturas.

A necessidade constante de melhorar a educação no país fomentava a preocupação pelo estabelecimento de regulamentação sobre a preparação dos professores, deste modo, foram instituídos os primeiros cursos de licenciatura no Brasil. Contudo, conforme asseveram Santos e Mororó (2019), o título de licenciado não tinha origem na própria licenciatura, tratava-se de uma complementação pedagógica justaposta a um curso de bacharelado. Conforme determinava o artigo 49 do Decreto-Lei Decreto-Lei nº 1.190, de 04 de abril de 1939, que organizava a Faculdade Nacional de Filosofia nos seguintes termos:

Ao bacharel, diplomado nos termos do artigo anterior, que concluir regularmente o curso de didática referido no art. 20 desta lei será conferido o diploma de licenciado no grupo de disciplinas que formarem o seu curso de bacharelado. (BRASIL, 1939).

O referido Decreto estabelecia também que a Faculdade Nacional de Filosofia, tinha a função de preparar estudantes para o magistério do ensino secundário e normal, além de expedir diploma de licenciado em caso de preenchimento do cargo público no magistério correspondente ao curso de formação respectiva.

Alterações políticas ocorreram e agora o governo sob o comando dos militares, em 1968 foi introduzida nova Reforma Universitária que se constituiu em marco regulatório da formação

de professores, sendo a partir de então, inaugurados novos espaços de estudos e discussões nas faculdades de educação. Segundo Santos e Mororó (2019), as licenciaturas ampliam seu campo de ocupação e atuação.

Nessa conjunção, as licenciaturas, que até então estavam vinculadas à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ganham outra configuração: departamentos específicos de cada área do conhecimento; um espaço de formação pedagógica; instituiu a licenciatura curta e a licenciatura plena, destinadas a formar os professores para atuar nas séries finais do então denominado 1º grau e no 2º grau, respectivamente. (SANTOS E MORORÓ, 2019, p.6).

A partir do início dos anos 1990 do século passado, foram desencadeados movimentos em prol das reformas dos cursos de formação de professores, cujas pautas principais defendiam novos rumos para educação, no sentido de elevar o nível de satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. Segundo Santos e Mororó(2019), O desfecho dessas mobilizações culminou com a aprovação atual LDB 9.394, aprovada em 20 de dezembro de 1996, e diante disso:

[...] a política de formação de professores a partir dos anos de 1990, transpôs diferentes concepções, ideologias e políticas de governo. O processo de reforma consistiu na elaboração da agenda de acordos no governo de Fernando Collor, passou pelo governo de Itamar Franco e pelo Governo Fernando Henrique, auge da sua implementação. Nos governos Lula e Dilma, as reformas se apresentaram com uma nova configuração, a qual teve como propósito a interiorização do ensino superior. Essa trajetória será discutida a seguir no tópico que trata sobre a política atual das licenciaturas. (SANTOS E MORORÓ, 2019, p.8 e 9).

As mudanças introduzidas pelas políticas educacionais nas instituições de educação têm reduzido sistematicamente os investimentos nas áreas de formação de professores, efeito causado pela institucionalização do Notório Saber, trazido a efeito pela Lei nº 13.415.

A ideia de que qualquer “um” pode ser professor, abre relevante precedente para o retrocesso educacional brasileiro, já que na contramão dos países de ponta em educação como Finlândia e Coreia do Sul que dão forte exemplos de que desenvolvimento educacional se faz a partir da qualificação docente.

Apesar das dificuldades enfrentados pela licenciatura, suas lutas desde os primeiros momentos e seus espaços conquistados até agora, constituem-se em lugar de reflexão e buscas cada vez afeitas em direção ao melhor preparo dos professores rumo a uma melhor qualidade e

eficiência da ação de fazer docência e tudo isso só enaltece sua importância e necessidade como formação de quem pretende atuar no processo de ensino-aprendizagem.

A licenciatura hoje é um dos vários tipos de cursos de nível superior que credencia o estudante a exercer a profissão de professor no ensino fundamental, médio e profissionalizante dentro da área do conhecimento em que foi graduado.

Cabe destacar que cada um dos cursos de licenciatura tem uma estrutura própria e particular. Podemos verificar por exemplo, que em um curso de Matemática, Física ou Química há maior concentração dos estudos nas matérias de Cálculos, Estatística e fórmulas e compostos químicos, já nas licenciaturas em Letras-Português, História e Geografia, há maior foco nas disciplinas de Gramática, História do Brasil, Geografia econômica e assim por diante. Entretanto, nesses cursos, independentemente de sua área, aplica-se uma carga horária intensa e considerável de disciplinas de cunho pedagógico, direcionadas às técnicas de ensino-aprendizagem, didática e demais saberes da docência.

Passando com êxito pela licenciatura o professor terá desenvolvido e aprimorado os saberes do conhecimento, da experiência e os saberes pedagógicos os quais, conforme Pimenta (1997), somados aos saberes específicos, formam os alicerces que vão lhe assegurar as condições necessária ao exercício da profissão. Já que o exercício da docência requer do mediador do conhecimento a articulação dos diversos saberes, sendo a harmonização entre eles, a característica que identifica a atuação de cada professor. Nesta perspectiva, salienta Tardif (2002)

O saber do professor traz em si mesmo as marcas do seu trabalho, que ele não é somente utilizado como meio de trabalho, mas é produzido e modelado no e pelo trabalho. Trata-se, portanto, de um trabalho multidimensional que incorpora elementos relativos à identidade pessoal e profissional do professor, à sua situação socioprofissional, ao seu trabalho diário na escola e na sala de aula (p.17).

13 CONSIDERAÇÕES

Como relato das experiências vividas e adquiridas durante o curso de licenciatura profissional e tecnológica, este trabalho apresenta informações de nossa vivência no ambiente formativo e nossa convivência e relação com os colegas estudantes do referido curso. Nesse movimento interativo, tivemos a oportunidade de aprender a rever posições e respeitar a posição dos outros, mesmo que elas sejam em sentido contrário às nossas.

Para ser o professor que almejamos, buscamos nos desvencilhar de preconceitos e conceitos antigos que carregávamos, pois passamos a acreditar que o diálogo entre os interlocutores precisa estar livre dos ruídos da intolerância e limpo do rancor e da mágoa. Pois só assim se poderá cultivar uma comunicação não violenta. Fator fundamental para a harmonia de uma sala de aula e empatia entre professor e estudante.

Para ser o professor que pensamos, tivemos que abrir mais espaço em nossas emoções, desenvolvendo a sensibilidade para aceitar os diferentes e incluí-los em nossa vida, em nossos planos e ações.

Nestas considerações é bom que se diga, que iniciado o primeiro semestre em agosto de 2018, tivemos as sonhadas e muito esperadas primeiras aulas. Sala lotada, alunos advindos das mais diversificadas áreas do conhecimento, cabeças cheias de sonhos com o curso de licenciatura, com uma nova graduação. Coisa comum em início de curso

Nos primeiros encontros, em forma de círculo, os estudantes em suas apresentações, como que para demarcar terreno, uns falavam ser formado nesta ou naquela área do conhecimento com mestrados, outros falavam ter pós-graduações naquele outro ramo do saber. Quanto ao que pretendiam com a nova formação, era quase unânime a direção das respostas, todos demonstravam querer mais qualificações para o mercado de trabalho.

Naquele momento inicial, poucos estudantes pensavam na aprendizagem para se tornarem de fato bons docentes. Até porque, não é cultural no Brasil se conceber docência como necessidade para uma boa formação e construção de um país com dignidade para seu povo.

Quanto a ter dado aulas, alguns se apresentaram como já tendo alguma experiência. Boa parte dos colegas que ali falavam não tinham ainda assumido qualquer turma de alunos estando na condição de professor.

Quando perguntados sobre a função docente, por quase unanimidade também respondiam que seria fazer o aluno aprender. Embora, talvez, ninguém soubesse de fato quais os melhores e mais apropriados meios e métodos para se chegar ao fim colimado.

Em nosso caso em particular, quando perguntado se já havíamos dado aula, naturalmente respondemos que não dávamos, vendíamos. Pois durante os mais de quatro anos que lecionamos em um curso da área de formação profissional, estávamos lá fazendo o chamado “bico”, pois como advogado e com banca própria, lecionar era coisa a ser exercida em horários vagos e com os objetivos de aumentar a renda mensal e quem sabe, satisfazer algum ego pessoal escondido em algum lugar no subconsciente. Deste modo, sem qualquer visão e estratégia pedagógica; sem nenhum compromisso com a construção do conhecimento e do ser conhecedor; sem saber como se dão as formas de aprendizado e com desconhecimento de que para se praticar realmente a

docência é necessário ser formado para tanto, os primeiros contatos com a licenciatura, como “um tapa na cara”, nos fez descobrir literalmente que éramos realmente meros vendedores de aulas.

A convivência democrática e a interação com os colegas e professores, a rica troca de experiências mútuas, as observações em sala de aula, as entrevistas com os professores e a busca de subsídios para produção de conteúdo e material para a realização de um curso FIC, nos fizeram enxergar conforme Freire (2006), que ao pensar adequadamente o discente se permite como sujeito histórico, se conhece e conhece o mundo no qual se insere intervindo sobre o mesmo e aprendendo a partir dos conhecimentos existentes e daqueles que serão ressignificados.

A realização dos diversos trabalhos individuais e também em grupos como estratégia da boa formação nos fizeram perceber a importância de se ter liberdade em falar e ser ouvido, a relevância do ouvir para melhor aprender com o outro.

A integração com o próximo, a inclusão do diferente e a mediação na construção do saber que não acontece de forma estanque, em separado, mas por meio de uma concatenação de saberes e experiências diversas, coisas e objetos, a estrutura física do lugar e suas adaptações diversas para acolher os diferentes como já dito, só podem ser notados por aqueles que se permitem passar por uma imersão num ambiente onde se estuda e se discute o aprendizado, bem como suas aprimoradas formas de se chegar a ele, a licenciatura.

O Estágio Supervisionado por nós desenvolvido a partir do início da formação docente nos colocou frente à oportunidade de observar o que é ser professor e analisar o contexto educativo em que referido profissional se insere.

Verificamos ser o Estágio o rico momento em que o futuro profissional da educação realiza suas observações e reflexões acerca de suas futuras ações enquanto docente e aprende o fazer pedagógico fazendo. A partir de então percebemos que para ser professor não basta só o conhecimento de conteúdo da disciplina, é muito mais que isso.

Os estudantes imersos ao meio, ao ambiente que proporcione reflexões sobre como melhor fazer educação, terão maior probabilidade de se tornarem realmente atores e mentores da mudança.

Para melhor ilustrar o que temos dito em linhas anteriores, peguemos como exemplo, o IFB – Instituto Federal de Brasília, *Campus* Samambaia. Separadas as dificuldades padecidas por referida instituição de ensino, esta dispõe de boa estrutura para atender a comunidade acadêmica com amparo e inclusão social, dispondo de adaptações necessárias para servir as pessoas com deficiência, dispondo ainda de profissionais qualificados para servir no apoio psicopedagógico aos seus estudantes.

Como se pode perceber, trata-se de um conjunto de elementos e fatores que interligados entre si convergem para a formação do ambiente no qual o estudante de licenciatura nele imerso tem a oportunidade de conviver com discentes, professores e a comunidade que circunda o Campus, confrontando ideias extraídas de suas próprias experiências de vida com ideias elaboradas com os elementos colhidos no mundo vivido pelos colegas de turma e de modo mais visível, confrontar com as práticas adotadas pelos docentes e suas experiências compartilhadas em sala de aula, formando a partir de tudo isso, o interesse e a dedicação voltada para a missão de ensinar.

O curso de licenciatura exerceu e continua exercendo em nós o constante descortinar dos diversos cenários acima aludidos, bem como de seus elementos constitutivos (universo de coisas, ideias e pessoas que formam o ambiente escolar), desempenhando para nós e em nós o importante papel de portão de entrada para os testes e comparações, abrindo novos horizontes e fazendo de nós, ainda que no plano das perspectivas, um professor diferente.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- DEMO, P. *Professor/conhecimento*. Brasília: Unb, 2001.
- DEMO, *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1985.
- DEMO, P. *Questões para a Teleducção*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998,
- FORNO, M. R. G. D. *Avaliação educacional*. Curitiba, PR: IESD Brasil S/A, 1. ed. 2016.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C., *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- LIBÂNEO, J. C. Didática. Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994,
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2006.
- PIMENTA, S.G. *Formação de professore*. Saberes da docência e identidade do professor. **Nuances**, São Paulo, v. VIII, p. 5-13, 1997.
- PIMENTA, S.G. e LIMA, M.S.L. **Estágio e docência**: diferentes concepções. São Paulo: **Revista Poíesis**, v. 3, Números 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.
- PIMENTA, S.G. e LIMA, M.S.L. **Estágios supervisionados e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**: duas faces da mesma moeda? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 1-20, 2019 1.
- SANTOS, C.W; MORORÓ, L.P. **O Desenvolvimento Das Licenciaturas no Brasil**: Dilemas, Perspectivas e Política de Formação Docente. Rev. HISTEDBR On-line, São Paulo, v.19, 1-19, 2019.
- SILVA, J.P. B. da. *Leituras sobre as contribuições de John Dewey na filosofia e pedagogia* [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- SILVEIRA, D. T.: CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. (org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. P. 31-41.
- TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.
- INSTITUTO FEDERAL DE BRASILIA. Disponível em: < <https://www.ifb.edu.br/samambaia/pagina-inicial/9-campus-samambaia/institucional9> >. Acesso em: 8 ago. 2019.

